

Emergência sanitária, ciência e arquivos: desafios sociopolíticos e institucionais nas ações da Fiocruz

Paulo Roberto Elian dos Santos Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1045-4375>
paulo.elian@fiocruz.br

Resumo Apresenta resultados parciais do projeto “Emergência sanitária, arquivos e memória: reflexões teóricas, desafios institucionais e inovação”, com foco nos contextos sociopolíticos e nos desafios institucionais decorrentes do impacto da pandemia de Covid-19 no campo dos arquivos e da memória. O objetivo da pesquisa é refletir sobre a produção e a circulação de documentos e informações no contexto da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) durante a emergência sanitária, com ênfase nos desafios relacionados à gestão documental. A metodologia adotada combina o exame de bibliografia das ciências sociais, da ciência da informação e da arquivologia, com dados provenientes de entrevistas e pesquisa em fontes documentais. Os resultados apontam que a pandemia provocou mudanças significativas nos processos de trabalho, impactando a produção e gestão de documentos, em especial os nato-digitais. No âmbito institucional, evidenciou um descompasso entre as políticas, programas e serviços de gestão de documentos e arquivos vigentes e o conhecimento efetivo dessas diretrizes por parte de unidades, setores, grupos e projetos da instituição.

Palavras-chave Covid-19. Fiocruz. Observatório Covid-19. Bio-Manguinhos. Gestão de documentos.

Public health emergency, science and archives: sociopolitical and institutional challenges in Fiocruz’s actions

Abstract It presents partial results of the project “Health emergency, archives and memory: theoretical reflections, institutional challenges and innovation”, focusing on the sociopolitical contexts and institutional challenges arising from the impact of the Covid-19 pandemic in the field of archives and memory. The objective of the research is to reflect on the production and circulation of documents and information in the context of Fiocruz during the health emergency, with an emphasis on the challenges related to document management. The methodology adopted combines a review of the literature in, social sciences, information science and archival studies with data from interviews and documentary sources. The results indicate that the pandemic caused significant changes in work processes, impacting the production and management of records, especially born-digital documents. At the institutional level, it highlighted a mismatch between current document and archive management policies, programs and services and the effective knowledge of these guidelines by the institution’s units, sectors, groups and projects.

Keywords Covid-19. Fiocruz. Covid-19 Observatory. Bio-Manguinhos. Records Management.

Emergencia sanitaria, ciencia y archivos: desafíos sociopolíticos e institucionales em las acciones de Fiocruz.

Resumen Este artículo presenta resultados parciales del proyecto “Emergencia Sanitaria, Archivos y Memoria: Reflexiones Teóricas, Retos Institucionales e Innovación”, centrado en los contextos sociopolíticos y los retos institucionales derivados del impacto de la pandemia de la COVID-19 en el ámbito de los archivos y la memoria. La investigación busca reflexionar sobre la producción y circulación de documentos e información dentro de la Fundación Oswaldo Cruz (Fiocruz) durante la emergencia sanitaria, con énfasis en los retos relacionados con la gestión documental. La metodología adoptada combina el análisis de bibliografía de ciencias de la información y archivística con datos de entrevistas e investigación en

fuentes documentales. Los resultados indican que la pandemia provocó cambios significativos en los procesos de trabajo, impactando la producción y gestión de documentos, especialmente los digitales. A nivel institucional, se evidenció una falta de correspondencia entre las políticas, programas y servicios existentes de gestión documental y de archivos y el conocimiento efectivo de estas directrices por parte de las unidades, sectores, grupos y proyectos de la institución.

Palabras clave Covid-19. Fiocruz. Observatorio Covid-19. Bio-Manguinhos. Gestión de documentos.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Submetido em 27/11/2025
Aprovado em 24/02/2026
Publicado em 01/04/2026

1 INTRODUÇÃO

Qual a relação que podemos estabelecer entre a ciência e os registros documentais que ela produz, especialmente em um contexto de emergência sanitária global? Refletir sobre a circulação do conhecimento técnico-científico no Sul Global nos leva a revisitar transformações provocadas pela pandemia de Covid-19, mas sobretudo reconhecer as permanências que continuam a ameaçar a vida das populações e do planeta. A pandemia expôs como a produção científica está imersa em disputas de poder e decisões políticas. Tomamos um exemplo entre tantos outros: a ciência, em meio à crise, se viu obrigada a negociar seu espaço entre a urgência da resposta sanitária, as pressões econômicas e as demandas da transparência pública. Esse entrelaçamento, que embaralha as fronteiras da ciência, revela a complexidade do cenário em que o conhecimento é produzido, registrado e compartilhado.

Em maio de 2020, era anunciada a saída dos Estados Unidos (EUA) da Organização Mundial da Saúde (OMS), fato único na história da instituição. Os EUA haviam se manifestado oficialmente duas vezes: por meio de uma carta do Presidente Donald Trump¹ ao Diretor da OMS, Tedros Adhanom, suspendendo o pagamento das quotas do país à organização; e por uma áspera nota de discordância dos EUA com relação a parágrafos essenciais da Resolução sobre Covid-19, aprovada na 73ª Assembleia Mundial da Saúde. Ambas as ocasiões continham críticas contundentes à Organização internacional. Para o historiador Marcos Cueto, editor da revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, a mais recente ação dos Estados Unidos pode ser lida como uma “versão mais agressiva do neoliberalismo”, superando a conjuntura do final dos anos 1990 e início do século 21, quando líderes estadunidenses ainda promoviam alianças entre o Estado e a sociedade, apoiavam a assistência a países em crise sanitária e reconheciam a necessidade de uma governança global da saúde².

Em abril de 2025 - portanto, cinco anos depois -, Marcos Cueto analisa as possíveis consequências de médio e longo prazo da saída norte-americana da OMS, anunciada pelo presidente Donald Trump assim que tomou posse para o seu segundo mandato, em 20 de janeiro:

Com a retirada, os Estados Unidos não farão mais parte das discussões sobre quais cepas da gripe e Covid-19 devem ser usadas para as vacinas anuais; terão acesso tardio a dados sobre os vírus que ameaçam o planeta; e enfrentarão um desgaste no diálogo com mais de setenta centros colaboradores da OMS que operam nos Estados Unidos (em áreas como

¹ Donald John Trump, 45º (2017 – 2021) e 47º (2025 – Presente) Presidente dos Estados Unidos da América.

² Ver entrevista em <https://coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/saida-norte-americana-da-oms-coloca-em-risco-visao-de-saude-como-direito-avalia-historiador/>

enfermagem, saúde ambiental e farmacologia, entre outras). [...] é um ataque contra os princípios da solidariedade internacional, contra o acesso universal à saúde e a medicamentos essenciais e contra a concepção da saúde como um direito humano e seu papel no desenvolvimento dos países mais pobres. (CUETO, 2025)

Dentre as inúmeras consequências de tal decisão sobre o sistema de saúde estadunidense, apontadas por Cueto (2025), nos interessa destacar o acesso tardio a dados sobre os vírus que ameaçam o planeta e o rompimento unilateral com os fundamentos da solidariedade internacional pactuada ao longo de décadas a partir do pós-guerra.

O mundo acompanhou, em tempo real, os desafios enfrentados pelos países mais pobres e por suas populações, submetidas a profundas desigualdades e a uma combinação devastadora de crises sanitárias, sociais e econômicas. Enquanto isso, as grandes potências e os conglomerados econômicos travavam disputas intensas pelo controle de insumos, vacinas e tecnologias, revelando o desequilíbrio estrutural entre nações e os impactos dessa disputa em escala global. Passados alguns anos, essa agenda segue atual: as lições da pandemia ainda mobilizam governos, instituições científicas e organismos internacionais na busca por modelos mais justos e solidários de enfrentamento a emergências sanitárias.

Em tempos de pandemia, de grave crise sanitária e humanitária em escala global, nossas vidas e laços coletivos, familiares, e sociais foram revirados. O medo e a perda se tornaram companheiros do cotidiano, e a urgência em salvar vidas, nossa obsessão (Santos, 2021). A ciência passou a ser o centro das atenções em todos os cantos do planeta desde 11 de março de 2020, data em que a OMS elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Entre março de 2020 e maio de 2023³, a doença vitimou mais de seis milhões de pessoas; dessas, um pouco mais de 700 mil apenas no Brasil⁴.

Vale dizer, portanto, que a pandemia de Covid-19 desvelou de forma contundente a dimensão cultural da atividade científica e seus vínculos indissociáveis com os processos políticos, econômicos e sociais. Ao mesmo tempo, reforçou certa visão de que estes mesmos processos também podem trazer mudanças nas ações e dinâmicas institucionais que geram documentos, dados e informações.

Todos nós, de alguma forma, em determinado momento, procuramos estabelecer conexões entre nosso ofício, nossos temas de interesse profissional e a pandemia. Como historiador, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e estudioso dos “arquivos da ciência”, nos

³ Até outubro de 2023, de acordo com o *Covid-19 Map*, painel sobre a pandemia de Covid-19 da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos.

⁴ De acordo com o painel Coronavírus Brasil, do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> acesso em 18 maio 2025.

propusemos as seguintes indagações: de que maneira a pandemia da Covid-19 nos provoca uma reflexão que lance luz sobre as relações da ciência, sua função, e seus valores, com seus arquivos, seus registros documentais e materiais? Como os arquivos - instrumentos insubstituíveis para a administração, - que integram os mecanismos de decisão e de ação⁵, são identificados e tratados pelos cientistas? (Santos, 2021).

Neste artigo, apresentamos inicialmente um breve panorama do contexto sociopolítico da pandemia de Covid-19, o papel da ciência e os desafios do tema da (des)informação. Em seguida, apresentamos o projeto “Emergência sanitária, arquivos e memória: reflexões teóricas, desafios institucionais e inovação”, desenvolvido na Fiocruz, e seus componentes institucionais e metodológicos, e por fim, os resultados parciais alcançados.

2 EMERGÊNCIA SANITÁRIA, ARQUIVOS E INFORMAÇÃO: ASPECTOS SOCIOPOLÍTICOS, CIENTÍFICOS E INSTITUCIONAIS

Na pandemia, parece que descobrimos a ciência, ela invadiu nossas vidas. Além de curiosa e intrigante, essa ‘descoberta’ trouxe desafios. A própria ciência, mais em evidência, mais exposta, se viu, dessa maneira, diante da oportunidade única de se apresentar, se revelar à sociedade em suas diferentes dimensões e limitações. Revelar, por exemplo, seu compromisso social, mas, da mesma forma, seu rigor com os dados, os procedimentos, os métodos, seus protocolos de pesquisa, princípios éticos e mecanismos de comunicação e validação (Santos, 2021).

Na visão de Lopes, Cerqueira e Kropf (2023), a pandemia de Covid-19 tornou evidente o protagonismo dos experts nas sociedades complexas que progressivamente passaram a ser “regidas por conhecimentos, objetos, práticas e dispositivos produzidos pela ciência e pela tecnologia”. Para estes autores, os cientistas foram colocados no “proscênio de um mundo aflito por respostas em um ritmo sem precedentes” (2023, p. 87). Nesse contexto de emergência sanitária global e propagação do negacionismo, os estudos sociais da ciência e tecnologia (*Science, Technology and Society/STS*), empenhados em explicar as relações entre ciência e sociedade, enfrentam o desafio de aprofundar o tema da credibilidade dos enunciados científicos, salientando a dimensão de incerteza que caracteriza o processo de produção social da ciência (Lopes, Cerqueira e Kropf, 2023).

⁵ Compartilhamos das ideias de Bellotto (2012) sobre a dimensão instrumental dos arquivos e o papel que podem desempenhar nas estratégias organizacionais visando o conhecimento e ações práticas.

A capacidade de resposta das instituições científicas brasileiras no contexto da pandemia só foi possível, porque em períodos distintos, desde a década de 1950, o país foi capaz de formular políticas e realizar investimentos na infraestrutura de ciência & tecnologia e na formação de pesquisadores. Essa base científica é fundamental em qualquer lugar, tempo e circunstância. No primeiro ano da experiência pandêmica, em todo o mundo, havia mais de 160 iniciativas voltadas a busca de uma vacina contra o novo coronavírus. O país, por meio de instituições como a Fiocruz e o Instituto Butantã, se associou a alguns dos projetos mais avançados (Medeiros et al., 2022), não apenas no âmbito do desenvolvimento de vacinas. A Fiocruz, por exemplo, passou a integrar a plataforma de dados genômicos GISAID sobre influenza e novo coronavírus, além de dados geográficos e específicos de espécies associadas a vírus aviários e outros animais. Estes conteúdos, fundamentais para ajudar pesquisadores nacionais e internacionais a compreender mais rapidamente como os vírus evoluem e se espalham durante epidemias e pandemias, podem ser encontrados na plataforma internacional⁶.

Contudo, a confiança na ciência e na autoridade dos experts passou a ser ameaçada no cenário de domínio do debate público pela desrazão e a ascensão de grupos de extrema direita que alcançaram o poder político em diferentes regiões do mundo, questionando com argumentos difusos a ordem político-institucional instituída e seus agentes, entre os quais os cientistas (Lopes, Cerqueira e Kropf, 2023). Neste sentido, a pandemia também foi um momento de embates, de disputas, de ameaças à imagem da ciência. Assistimos esforços sistemáticos para desqualificar a ciência, negar a ciência, questionar a vacina, e vivenciamos fatos que representavam ameaças ou rompiam com os mecanismos e procedimentos de criação e uso de dados e informações em saúde, geradas e mantidas por instituições e agentes públicos (Santos, 2021).

No Brasil, o Presidente da República foi o principal agente de propagação da desinformação e do negacionismo. Pereira e Marques (2022), coletaram e analisaram as publicações do Presidente no Twitter e contabilizaram as vezes que ele mencionou, o uso de remédios e substâncias sem eficácia comprovada no combate à pandemia do novo coronavírus. Apoiados em autores da ciência da informação, Pereira e Marques (2022) tomaram como referências as noções de “informação”, verdade e “pós-verdade”, com o objetivo de explicar as razões pelas quais a desinformação encontrou ressonância entre os seguidores do presidente, levando-se em conta o contexto de suas falas e comportamentos em outros veículos de comunicação. O estudo evidenciou o papel da desinformação, em uma mídia social, e sua ampla capacidade de repercutir

⁶ <https://agencia.fiocruz.br/fiocruz-integra-plataforma-de-dados-genomicos-sobre-influenza-e-novo-coronavirus>

na falta de medidas e tratamento adequado e, por consequência, nas mortes ocasionadas pelo Covid-19 no país.

Neste cenário de intensos embates, testemunhamos o descumprimento promovido por agentes públicos que deveriam zelar pela preservação e valorização dos aspectos legais, processuais, técnicos e éticos, intrínsecos ao ato de registrar ações, desconsiderando, portanto, o direito de acesso dos cidadãos à informação pública, segura e confiável. Indicadores como os números de casos e de óbitos, dados de hospitalização e o percentual da população vacinada, essenciais para compor o cenário epidemiológico da Covid-19 no país, deixaram de ser divulgados, caracterizando o que muitos denominaram “apagão de dados”, uma constante desde o início da pandemia, em março de 2020, quando o Ministério da Saúde – autoridade sanitária nacional – passou a enfrentar dificuldades para manter a divulgação das estatísticas de maneira linear e constante (Machado, 2023).

Naquele contexto de grave crise sanitária e humanitária, o excesso de informação disponível na internet – em especial em mídias sociais – e a ampla difusão de Fake News foram alvo de preocupação ao considerarmos seu potencial de induzir, direta ou indiretamente, falsas medidas de prevenção à Covid-19. Nesse sentido, instituições científicas e de saúde pública cumpriram papel fundamental na produção e disseminação de informações seguras e confiáveis. (Santos et al., 2023)

Medidas de proteção sanitária e vacinas passaram a ocupar o centro do debate público, comentadas e explicadas por uma infinidade de especialistas que se tornaram figuras familiares, presença constante na televisão, nas redes sociais e nas conversas do dia a dia das pessoas. Pela primeira vez em muito tempo, os cientistas deixaram de ser vistos como personagens distantes, confinados em laboratórios, e ganharam rostos, vozes e histórias. Humanizados, se tornaram reais aos olhos do cidadão. O universo científico, antes percebido como isolado, afinal foi se revelando como profundamente entrelaçado à vida social, da sociedade, e não externo a ela. Foram desaparecendo essas supostas barreiras.

Entender a percepção da população brasileira sobre a Covid-19 orientou diversas pesquisas no campo da divulgação científica. Um estudo promovido por Massarani et al. (2021)⁷ procurou abordar questões sobre a gravidade e os perigos da doença, fontes de informações e confiabilidade, checagem de informações, atitudes, precauções e prioridades para o enfrentamento e relações de confiança na ciência. Os resultados revelaram que boa parte dos

⁷ O estudo foi realizado no âmbito de uma pesquisa mais ampla sobre como os brasileiros e brasileiras viam a FIOCRUZ. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/comobrasileirosveemafiocruz.pdf>

entrevistados reconhecia a gravidade da pandemia, a importância de se informar corretamente, considerava as medidas indicadas por autoridades de saúde válidas e confiava em cientistas e instituições científicas como fontes de informação.

A esses dados, vieram se somar inúmeras iniciativas que mobilizaram médicos, sanitaristas, cientistas sociais, historiadores, jornalistas e divulgadores da ciência, com o objetivo de provocar reflexões e travar o bom combate pela produção e comunicação da informação confiável em um cenário de imensas incertezas e dúvidas (Harari, 2020; Sá et al., 2020; Maia, Nova, 2020; França et al., 2020).

No contexto brasileiro, é importante destacar as iniciativas promovidas pela Fiocruz, uma das protagonistas no desenvolvimento tecnológico e produção de *kits* diagnósticos e vacinas contra a Covid-19, por meio do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos). Além disso, a instituição realizou ações de comunicação voltadas a orientar o público leigo, agentes de saúde e gestores públicos sobre o combate e a prevenção da doença. Tais iniciativas são de interesse para os campos da informação e dos arquivos, na medida em que a pandemia de Covid-19 impactou a circulação de informações, bem como a produção e acumulação de registros documentais de natureza pública, institucional e pessoal (Santos et al., 2023).

A aceleração de algumas atividades e a paralisação de outras; a urgência na coleta e análise de dados; a demanda crescente por acesso remoto a documentos e informações e a preocupação com a coleta e a preservação de registros de naturezas diversas capazes de “documentar” esse momento singular em suas múltiplas facetas, - reter a memória de um tempo traumático -, foram dimensões presentes no cotidiano institucional da Fiocruz, e certamente de outras instituições. Compreender como essas e outras condições oriundas do cenário de emergência sanitária impactaram a produção e gestão de documentos e arquivos é uma das diretrizes do projeto “Emergência sanitária, arquivos e memória: reflexões teóricas, desafios institucionais e inovação”, que vimos conduzindo desde 2022⁸.

O estudo proposto e formulado em 2021, tem por objetivo partir de três experiências institucionais: (1) o Observatório Covid-19, iniciativa da Presidência da Fiocruz; (2) o projeto de encomenda tecnológica da vacina Oxford/AstraZeneca, em Bio-Manguinhos, e (3) o projeto

⁸ O projeto, contemplado na Chamada CNPq/ Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz - Nº 08/2021, conta com a participação de Aline Lopes de Lacerda, doutora em história social pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, e Luciana Quillet Heymann, doutora em sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e pesquisadora do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. Completa a equipe, André Felipe Paiva dos Santos, mestre em ciência da informação pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/ECO-UFRJ) e bolsista do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional (PIDI) da Fiocruz.

“Arquivos da Pandemia: memórias da comunidade Fiocruz”, da Casa de Oswaldo Cruz, voltado à reflexão sobre rotinas de trabalho, produção documental e os desejos de memória de trabalhadores e trabalhadoras. O quarto campo empírico previsto no projeto foi a experiência comunitária da organização Redes da Maré, que atua no conjunto de 16 favelas da Maré⁹, onde residem em torno de 140 mil pessoas (Redes da Maré, 2025). Aqui nosso interesse é compreender a produção e circulação de registros que envolveram as vivências de populações no contexto da pandemia em um dos territórios onde a Fiocruz atua, na cidade do Rio de Janeiro.

A metodologia adotada pelo projeto compreendeu três etapas: a primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico de artigos publicados entre 2020 e 2025, que tratam do tema dos arquivos e da produção, uso e disseminação de dados e informações nos contextos da transformação digital e da emergência sanitária. Para tanto, foram consideradas revistas¹⁰ dos campos sobre arquivologia, ciência da informação e administração pública, indexadas em bases de dados como a Brapci¹¹, a *Web of Science* e periódicos classificados como “Qualis A” no sistema Qualis/Capes, especificamente nas áreas de “Comunicação e informação e museologia” e “Administração pública de empresas, ciências contábeis e turismo”; segundo, o levantamento de dados e informações a partir de entrevistas realizadas com agentes envolvidos; e terceiro, a identificação e descrição dos processos de produção de documentos e informações, tendo em conta o ambiente de trabalho vivido pelas equipes, os fluxos informacionais, a disponibilidade online dessas informações e o processo de arquivamento de documentos pelas equipes – considerando, inclusive, suas práticas informais.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

A seguir são apresentados os resultados obtidos nos estudos dos dois primeiros campos empíricos: o Observatório Covid-19 e o projeto de encomenda tecnológica da vacina Oxford/AstraZeneca, por Bio-Manguinhos.

⁹ Morro do Timbau (1940); Baixa do Sapateiro (1947); Marcílio Dias (1948); Parque Maré (1953); Parque Rubens Vaz (1954); Parque Roquete Pinto (1955); Parque União (1961); Nova Holanda (1962); Praia de Ramos (1962); Conjunto Esperança (1982); Vila do João (1982); Vila dos Pinheiros (1983); Conjunto Pinheiros (1989); Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992); Nova Maré (1996) e Novo Pinheiro (2000).

¹⁰ Ciência da Informação; Informação & Sociedade: Estudos; Liinc em Revista; Perspectivas em Ciência da Informação; Transinformação; Informação & Informação; Revista eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde; PerCursos; Em Questão; Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información; Profesional de la información;

¹¹ Base de Dados em Ciência da Informação.

3.1 OBSERVATÓRIO COVID-19: INFORMAÇÃO PARA A AÇÃO

O Observatório Covid-19, nosso primeiro objeto empírico, caracteriza-se como um projeto de produção e disseminação de informações sobre a pandemia no cenário brasileiro. De acordo com Carlos Machado, pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz e coordenador-geral, o Observatório foi um “dispositivo institucional”, com a função de “produzir informações para ação”, ou seja, subsidiar gestores públicos, a imprensa e a população com indicadores confiáveis da progressão da pandemia no Brasil (Santos et al., 2023).

As ações do Observatório Covid-19 resultaram em uma vasta produção documental: boletins epidemiológicos, notas técnicas, cartilhas, relatórios técnicos, gráficos, material audiovisual, entre outros. Esses documentos estiveram disponíveis para livre acesso na página do Observatório, espaço digital criado no Portal Fiocruz para concentrar e difundir sua produção e agregar outras informações relativas à pandemia. Para além de seu uso e difusão, a produção documental do Observatório resultou na constituição de um “arquivo”, 100% nato-digital. Para Carlos Machado, esse arquivo deveria refletir a preocupação com a guarda dos documentos produzidos no período de emergência e com a formação de uma memória do Observatório Covid-19 (Santos et al., 2023).

Os procedimentos adotados para a organização dos documentos, no entanto, basearam-se em práticas de pesquisa científica que levam em conta, fundamentalmente, os temas e abordagens de interesses do pesquisador. Nesse sentido, observa-se uma classificação de natureza intuitiva, predominantemente temática, e calcada em entendimento compartilhado entre os pesquisadores do projeto, sobretudo na percepção da pesquisadora responsável pela gestão do arquivo, e distante de orientações formuladas pela área de gestão documental da Fiocruz (Santos et al., 2023). De forma integrada ao Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo (Siga) da Administração Pública Federal, criado em 2003, e articulada ao Arquivo Nacional, desde a década de 1990, a Fiocruz possui instrumentos técnicos de classificação e avaliação dos seus documentos de arquivo¹².

¹² O processo de elaboração do Código de Classificação de suas atividades finalísticas iniciado na década de 1990, teve como marcos uma versão em 2007 e em 2018 a aprovação do Código de Classificação e a Tabela de Temporalidade e Destinação dos Documentos de Arquivo relativos às atividades finalísticas da Fiocruz, por meio da Portaria nº 328, de 8 de novembro de 2018, da direção-geral do Arquivo Nacional. Em 2025, foi publicada uma nova versão em razão de atualizações na classe 400, destinada a produção de Medicamentos, Imunobiológicos, Reativos para diagnóstico, Biofármacos e Insumos, e a criação da classe 600, referente a Gestão da Qualidade em Processos de Saúde. Informações disponíveis em: <https://www.sigda.fiocruz.br/documentos-de-referencia>

Cumprir destacar que o Observatório Covid-19 foi concebido como um projeto, mas não seguiu uma gestão típica de projeto, com um planejamento inicial, execução e encerramento, em razão do contexto excepcional que marcou sua criação. Suas etapas ocorreram de forma simultânea em diferentes frentes de trabalho, com foco na produção e disseminação dos boletins epidemiológicos e/ou notas técnicas.

O Observatório não se configurou como uma unidade técnico-científica da Fiocruz e, portanto, não dispunha de estrutura administrativa nem estava inserido nas dinâmicas de gestão de documentos implantadas junto às unidades. A ausência de uma estrutura administrativa, com funções e atividades definidas, se por um lado não foi fator que impedisse a produção de documentos, por outro, conferiu informalidade à dinâmica de trabalho, o que acarretou dificuldades para o reconhecimento da gênese documental, dos caracteres externos e internos aos documentos e das relações orgânicas que vinculam os documentos entre si e às atividades que os originaram (Bellotto, 2004; Herrera, Rodriguez, 2022). Em parte, o cenário de emergência sanitária pode explicar essa informalidade. No entanto, ela também indica a larga distância que separa as políticas e ações institucionais da Fiocruz relacionadas à gestão de arquivos e as práticas e soluções adotadas em diversos ambientes do trabalho científico (Santos et al., 2023).

A incorporação dos procedimentos arquivísticos à cultura institucional teve início na década de 1990 com a instituição do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos (Sigda). No entanto - após três décadas -, os serviços, as competências e habilidades profissionais, instrumentos e procedimentos técnicos oferecidos por meio do sistema, ainda não lograram êxito no alcance do amplo universo da pesquisa científica, representado por mais de uma centena de laboratórios das áreas das ciências biomédicas e da saúde. Um desafio gigantesco que a pandemia expôs.

3.2 BIO-MANGUINHOS: UMA ESTRUTURA DE GESTÃO PARA PRODUÇÃO DA VACINA

De outro lado, no contexto de Bio-Manguinhos, unidade técnico-científica estruturada desde 1976¹³, encontramos um cenário naturalmente diferente daquele do Observatório Covid-19. Enquanto neste a excepcionalidade pode ser associada à produção acelerada de informações

¹³ Em 1976, durante a presidência do economista Vinícius da Fonseca, a aprovação do novo estatuto da Fiocruz trouxe modificações significativas na sua conformação original. Nesse contexto, foi criado o Laboratório de Tecnologia em Produtos Biológicos de Manguinhos (Bio-Manguinhos), posteriormente denominado Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos). Principal fornecedor do Programa Nacional de Imunizações (PNI), o instituto é responsável pelo desenvolvimento tecnológico e pela produção de vacinas, kits diagnósticos e biofármacos, tornando-se, ao longo das décadas, um dos mais importantes complexos industriais de imunobiológicos da América do Sul (Azevedo et al., 2007).

sobre a pandemia em uma estrutura supra institucional, em Bio-Manguinhos a excepcionalidade está mais associada à criação de uma estrutura autônoma para a execução e gestão do projeto de encomenda tecnológica da vacina Oxford/AstraZeneca.

De acordo com Fábio Gonzalez (2023), gerente de projetos responsável pela transferência de tecnologia da vacina para a Covid-19, a criação de tal estrutura foi resultado da necessidade de atender à urgência imposta pela pandemia e a complexidade do empreendimento, o que caracterizou o projeto da vacina como um “megaprojeto”. Tal cenário levou a diretoria de Bio-Manguinhos à criação de uma estrutura de governança dedicada, que possibilitasse a absorção de tecnologia em tempo recorde. É importante destacar que tal estrutura, embora autônoma, precisava seguir as premissas institucionais do instituto, e interagiu diretamente com sua estrutura matricial.

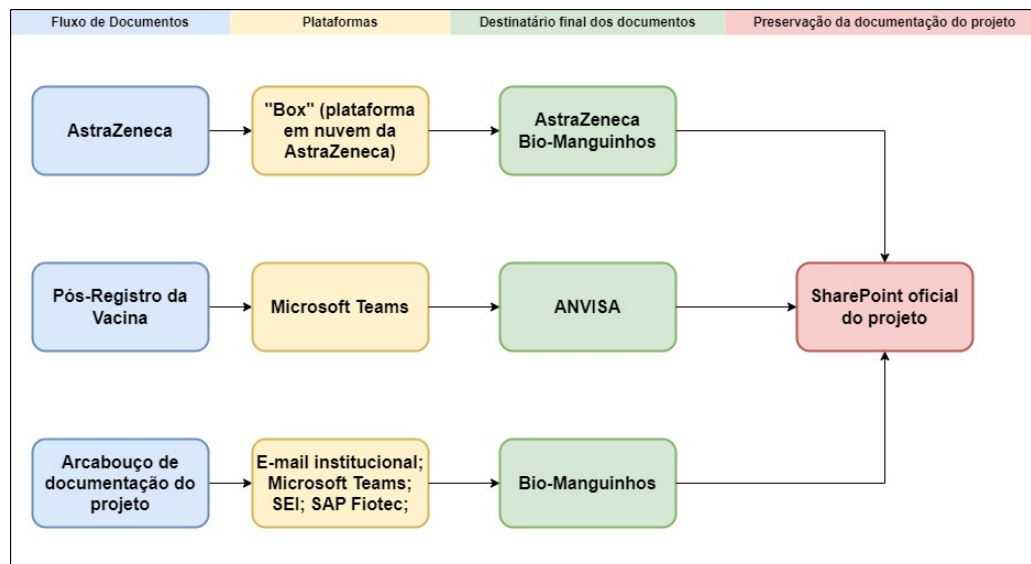
O projeto de transferência de tecnologia da vacina exigiu uma revisão de rotinas, uma vez que o objeto de trabalho demandava agilidade e um controle rigoroso dos processos e registros gerados. Conforme relatado por Soares et al. (2022), a solução encontrada para lidar com esse desafio foi a criação de uma estrutura de gestão representada nas chamadas “torres de gestão de projetos”. Cada uma das seis torres¹⁴ assumiu a responsabilidade pela gestão de diferentes frentes de trabalho, operando na prática como “subprojetos” independentes cujas atividades eram coordenadas por meio da Torre de Gestão Integrada.

Criada inicialmente com o único objetivo de garantir a integração das demais torres, a Torre de Gestão Integrada passou a ter outras atribuições conforme o desenvolvimento do projeto. Na visão de Gonzalez (2023), essa torre foi fundamental para a padronização de documentos, como por exemplo, relatórios até então realizados de forma mais “livre”. Além disso, a torre seria responsável pela consolidação de uma “memória” do projeto de transferência de tecnologia, que podemos associar à estruturação de uma nova rotina gerencial, capaz de ser replicada em projetos de magnitude semelhante. Em outras palavras, na perspectiva dos agentes do projeto, memória aqui é sinônimo de “experiência gerencial virtuosa” que poderá servir como legado para empreendimentos futuros.

A respeito da produção documental e dos fluxos de informação, foi possível identificar três momentos distintos.

¹⁴ Torre de Gestão Integrada; Torre de Gestão de Infraestrutura; Torre de Gestão Administrativa; Torre de Gestão de Parcerias Tecnológicas; Torre de Compliance Regulatório.

Figura 1 – Diagrama de fluxo documental do projeto da vacina Covid-19



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O primeiro fluxo, remete aos documentos trocados com a AstraZeneca, que envolvia o uso de uma plataforma de nuvem da própria farmacêutica. Nesse contexto, González (2023) reforça que Bio-Manguinhos não poderia utilizar apenas a plataforma da AstraZeneca, pois não havia garantia de preservação dos documentos ou continuidade da gerência do instituto sobre eles ao final do processo de transferência. Dessa forma, optou-se por utilizar o SharePoint, plataforma corporativa da empresa Microsoft, para replicar toda a documentação produzida e/ou tramitada com a farmacêutica. Vale sublinhar que o SharePoint foi adotado como repositório oficial do projeto.

Em segundo lugar, identificou-se o fluxo de documentos produzidos para o pós-registro da vacina. Essa documentação foi elaborada em conjunto com a AstraZeneca, e utilizou a plataforma Microsoft Teams como ambiente de troca de informações. Ao final da produção, esses documentos foram enviados para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a Anvisa, para avaliação e liberação dos registros da vacina. Essa documentação está armazenada na Anvisa e foi replicada no SharePoint do projeto em Bio-Manguinhos.

Por último, foi identificado um fluxo interno à Bio-Manguinhos. Aqui estão incluídos documentos relacionados às aquisições e contratações, documentos lançados no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e os contratos realizados pela Fundação para o Desenvolvimento

Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec)¹⁵. Além disso, também estão contemplados nesse fluxo, atas dos fóruns de decisão, comitês internos e reuniões técnicas, e documentos tramitados com as áreas matriciais de Bio-Manguinhos, como por exemplo, os setores de engenharia, logística, e Gestão de Pessoas, entre outros. Toda essa documentação também está replicada no SharePoint do projeto de encomenda tecnológica.

De maneira geral, o projeto gerou e acumulou documentação de natureza científica, administrativa e jurídica, majoritariamente textual e 100% nato-digital. Nesse contexto, destaca-se a adoção de uma série de documentos denominados “artefatos de gestão de projetos” que, de acordo com Gonzalez (2023), são documentos padronizados que acompanham as diferentes fases do projeto – iniciação, planejamento, execução e encerramento. Esses artefatos seguem as premissas do Project Management Body of Knowledge, um guia para as melhores práticas de gestão de projetos.

Apesar da existência de uma estrutura autônoma e do intenso fluxo documental resultante de suas atividades, não foi identificado no projeto da vacina um setor ou profissional dedicado à gestão dos documentos e informações. Nesse sentido, a documentação seguiu a organização estabelecida pelas “boas práticas” da área de gestão de projetos e procedimentos habituais de gestores, pesquisadores e técnicos envolvidos.

Ao mesmo tempo, não foi identificada a integração da documentação do projeto com o serviço de gestão de documentos de Bio-Manguinhos. Ao que tudo indica, esses documentos estão armazenados, em sua maioria, no SharePoint oficial, além de redes internas da unidade, e ainda não foram submetidos às etapas de classificação, avaliação e destinação preconizadas e consagradas pelas “boas práticas” arquivísticas” e adotadas em diferentes áreas do Instituto há cerca de vinte anos¹⁶.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia alterou processos de trabalho e ampliou de forma significativa a produção e gestão de documentos, especialmente no que diz respeito aos documentos digitais. No âmbito institucional, ela confirmou um preocupante descompasso entre as políticas, programas e serviços de gestão de documentos e arquivos em vigor, e seu conhecimento e adoção por parte de

¹⁵ Criada em 2002, a Fiotec tem origem na Fensptec, Fundação de apoio à Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), constituída em dezembro de 1997.

¹⁶ Uma análise mais detalhada da trajetória das ações de gestão de documentos em Bio-Manguinhos e a atuação da Seção responsável durante a pandemia de Covid-19, ver Santos et al. (2025).

unidades, setores, grupos e projetos. Ainda no contexto pandêmico, houve o uso considerável de múltiplas plataformas digitais para produção, tramitação e armazenamento de documentos e informações, o que impõe a necessidade de novos procedimentos e operações técnicas para adequação às demandas de gestão documental.

O projeto de encomenda tecnológica da vacina Oxford/AstraZeneca em Bio-Manguinhos trouxe uma série de desafios para a preservação e gestão de documentos. A iniciativa foi operacionalizada por meio de procedimentos bem definidos em uma estrutura gerencial relativamente autônoma, capaz de suplantar o desempenho habitual do Instituto e atender à agilidade necessária, conforme esperado em um cenário de emergência sanitária. Sob tais circunstâncias, a encomenda tecnológica representa uma inovação e expressa a capacidade institucional de desenvolver projetos de transferência de tecnologia inovadores e de alta complexidade.

Apesar do sucesso operacional, as análises indicam que a estrutura utilizada no projeto foi insuficiente para atender aos procedimentos da gestão documental apoiada nos métodos e técnicas arquivísticas. Os produtores dos documentos revelaram pouca preocupação com os procedimentos arquivísticos recomendados para sua criação e manutenção. A falta evidente de integração com o serviço de Gestão de Documentos do instituto, o uso generalizado do SharePoint para armazenamento, a organização de documentos de acordo com as “boas práticas” da gestão de projetos e a ausência de um Sistema Informatizado de Gestão Arquivística de Documentos - SIGAD (Conarq, 2022) constituem desafios institucionais para a preservação dos arquivos do projeto da vacina.

Com relação ao Observatório apontamos algumas questões que refletem uma ação emergencial, supra organizacional, característica de um cenário de crise sanitária, e que nos sugerem ponderações.

Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que a estruturação do arquivo e a gestão de documentos do Observatório não contou com a experiência acumulada por programas, processos e projetos da Fiocruz, como a Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências da Saúde (2013), o Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz (2020b) e as ações do sistema de arquivos da Fiocruz.

Em segundo lugar, é importante destacar que no Observatório Covid-19 as etapas do projeto ocorreram de forma simultânea em diferentes frentes de trabalho, com direcionamento para a produção e disseminação dos boletins epidemiológicos e/ou notas técnicas. Além disso, é fundamental compreender que o objeto de trabalho do Observatório era uma "emergência

sanitária" marcada por fortes componentes de desconhecimento, desinformação e negacionismo, ou seja, o Observatório deveria dar respostas rápidas, periódicas e consistentes a problemas novos, que se apresentavam no decorrer da experiência da pandemia.

A melhoria do cenário da pandemia, sobretudo após o crescimento dos índices de vacinação, veio acompanhada de uma diminuição da produção do Observatório, a partir de maio de 2022, e sua desmobilização pouco tempo depois. Sua baixa institucionalidade oferece riscos aos documentos produzidos – tanto no que se refere a falta de tratamento técnico na gestão do arquivo em formato digital, quanto na ausência de controle sobre os documentos disponibilizados na página do Observatório na internet.

Por fim, guardadas as diferenças, os casos do Observatório Covid-19 e da vacina de Bio-Manguinhos iluminam desafios colocados à preservação da memória institucional. Muito valorizada internamente, haja vista a publicação da Política de Memória Institucional da Fiocruz (2020a), a memória pode ser acionada na medida em que seus suportes sejam preservados em sistemas compreensivos, tais como o próprio arquivo institucional. Entre a produção de registros e a memória há um percurso a ser trilhado, no qual procedimentos técnicos e diretrizes institucionais funcionam como bússola, embora nem sempre sejam capazes de responder a situações que escapam à rotina, como bem demonstram as experiências analisadas.

A atuação destacada da Fiocruz no contexto da pandemia e a necessidade de preservar essa memória fizeram surgir projetos como “O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19”¹⁷, que tem entre seus objetivos a constituição de um acervo de entrevistas de história oral com protagonistas desse processo. Essas entrevistas são também suportes de memória, mas suas potencialidades como fonte de pesquisa e informação não se confundem com aquelas presentes nos documentos de arquivo. É exatamente do confronto e da complementaridade entre esses suportes que se nutre a pesquisa histórica e os projetos de memória.

Dito de outra maneira, a memória da atuação da Fiocruz na crise sanitária da Covid-19 depende da preservação e organização dos arquivos gerados pelas diversas ações de enfrentamento da pandemia. Aqui desponta a qualidade probatória congênita e a dimensão instrumental dos documentos que integram esses arquivos. Tais arquivos se inserem em um sistema mais amplo, de natureza institucional, por meio do qual é possível compreender conexões e interfaces entre projetos, grupos de pesquisa, unidades e instâncias da administração central.

¹⁷ Contemplado na Chamada CNPq/ Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz - Nº 08/2021, o projeto é coordenado pela pesquisadora Simone Kropf do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Apenas tendo em mente esse panorama multifacetado e complexo, o papel da Fiocruz e da ciência, em um dos momentos mais dramáticos da história recente do país, poderá ser analisado de forma meticulosa e profunda.

Se partirmos do tema dos arquivos e seus documentos, e considerarmos a centralidade da ciência no contexto da emergência sanitária e o acervo de conhecimento que ela constituiu, a reflexão e discussão sobre a produção científica não pode desconsiderar sua materialidade documental, arquivística, seus ambientes institucionais, seus atores e suas práticas. A crise sanitária e humanitária conferiu à ciência uma centralidade inédita, e provocou impactos em diferentes ambientes institucionais e sociais, trazendo mudanças nas ações e dinâmicas que geram documentos, dados e informações. Estas mudanças ainda não foram devidamente absorvidas e analisadas pelos profissionais da arquivologia e áreas afins, responsáveis pela gestão e preservação do que chamamos materialidade documental da ciência contemporânea, cada dia mais complexa, sustentada por plataformas digitais e operada em redes de pesquisa translacional voltadas, por exemplo, para estabelecer a conexão entre a pesquisa biomédica básica e a inovação em saúde, de modo a gerar produtos – como vacinas e fármacos –, processos e serviços que possam beneficiar a população.

Por fim, cumpre mencionar que o estudo, ainda em andamento, sobre a atuação da organização comunitária Redes da Maré, nos sinaliza a importância de conferirmos maior atenção às fórmulas, soluções e dinâmicas que colocam iniciativas sociais dessa natureza na vanguarda da produção de dados e informações sobre uma dada realidade social, superando em certa medida a capacidade do próprio poder público. Ainda que prevaleça uma visão pouco sistematizada sobre a importância do ato de arquivar os registros de suas ações ou constituir um arquivo, há uma evidente valorização da necessidade estratégica de produzir dados e informações. Uma geração cidadã de dados (Costa, 2025), como alguns denominam, foi certamente potencializada no contexto da pandemia e revela forte vocação para estimular políticas públicas com construção coletiva de soluções para problemas sociais complexos.

AGRADECIMENTOS

À Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio recebido por meio da Chamada CNPq/ Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz - Nº 08/2021.

Às pesquisadoras Aline Lacerda e Luciana Heymann, que durante todo o percurso do estudo contribuíram com ideias e reflexões cruciais para o desenvolvimento do projeto e seus resultados.

Ao bolsista André Felipe Paiva dos Santos, que colaborou na pesquisa bibliográfica, no levantamento de dados e edição das entrevistas do projeto.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, N.; GADELHA, C. A. G.; PONTE, C. F. (Org.). **Inovação em saúde: dilemas e desafios de uma instituição pública**. - Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 422p.

BELLOTTO, H. L. O papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais do arquivista. **Ágora**, v. 22, n. 44, p. 5-18, 2012.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). **e-ARQ Brasil: Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos**. [Recursos Eletrônico] / Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

COSTA, C. Geração cidadã de dados e mapas de crime. **Ciência da Informação**, v. 54, n. 2, 2025. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/7235/7350>> Acesso em: 02 jun. 2025.

CUETO, M. **Saída dos EUA da OMS coloca em risco visão de saúde como direito, avalia Marcos Cueto**. Abr. 2025. Disponível em: <<https://revistahcsm.coc.fiocruz.br/saida-dos-eua-da-oms-coloca-em-risco-visao-de-saude-como-direito-avalia-marcos-cueto/>> Acesso em: 24 mai. 2025.

FRANÇA, V. et al. (Org.). **Diário da Quarentena: a pandemia de COVID-19 como acontecimento – [livro eletrônico]** – Belo Horizonte, MG: Fafich/selo PPGCOM/UFMG. 2020. 492 p. Disponível em: <<https://seloppgcomufmg.com.br/produto/diario-da-quarentena/>> Acesso em: 24 mai. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). **Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde** – Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2013. 26 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). **Política de memória institucional da Fiocruz** – Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2020a. 56 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). **Programa de preservação digital de acervos da Fiocruz** – Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2020b. 37 p.

GONÇALEZ, F. H. F. S. [Entrevista de pesquisa cedida a]: equipe do projeto “Emergência sanitária, arquivos e memória: reflexões teóricas, desafios institucionais e inovação”, em 11/05/2023.

HARARI, Y. N. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus (artigos e entrevistas)**. Companhia das Letras. 2020.

HERRERA, A. H.; RODRIGUEZ, S. M. T. Em torno do tipo documental. OFFICINA - **Revista da**

Associação de Arquivistas de São Paulo, São Paulo, v.1, n. 1, p. 72-104, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.29327/263416.1.1-7>. Acesso em: 04 jun. 2025.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA EM IMUNIBIOLÓGICOS (Bio-Manguinhos). **Manual de Organização**. Rio de Janeiro: Bio-Manguinhos. 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/documento/manual-da-organizacao-bio-manguinhos>> Acesso em: 24 mai. 2025

LOPES, T. C.; CERQUEIRA, E.; KROPF, S. P. Entre lo técnico y lo político: los estudios sociales de la ciencia y la tecnología y el debate sobre el expertise. **Revista de Estudios Brasileños**, 10(21), 85-102.

MACHADO, I. D. **Como o apagão de dados sobre a Covid-19 desmontou a publicidade e transparência na administração pública**. - 2023. Dissertação (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, Escola de Políticas Públicas e Governo.

MAIA, A. C. N; NOVA, V. C. (Org.). **Arquivo pandemia: diários íntimos, recortes poéticos, históricos, geográficos, políticos, antropológicos, artísticos, psicossociais do isolamento: volume 1** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. 399 p.

MASSARANI, L. et al. Confiança, atitudes, informação: um estudo sobre a percepção da pandemia de COVID-19 em 12 cidades brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva** [periódico na internet] (2021/jun). Disponível em: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/confianca-atitudes-informacao-um-estudo-sobre-a-percepcao-da-pandemia-de-covid19-em-12-cidades-brasileiras/18100>> Acesso em: 24 mai. 2025.

MEDEIROS, M. Z. et al. (Org). **A primeira vacina 100% brasileira contra a Covid-19: a conquista de Bio-Manguinhos/Fiocruz** – Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Bio-Manguinhos, 2022. 364 p.

PEREIRA, D. B., & MARQUES, A. A. C. (2022). “A verdade vos libertará”: a desinformação e a pós-verdade no Governo Bolsonaro no combate à Covid-19. **Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação**, 15(3), 895–912. <https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.2022.45676>.

REDES DA MARÉ. Disponível em <<https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/sobre>> acesso em 24 mai 2025.

SÁ, D. M. et al. **Diário da pandemia: o olhar dos historiadores**. São Paulo: Hucitec, 2020.

SANTOS, P. R. E. Ciência e arquivos: desafios na pandemia e em qualquer tempo. **Archivos International Archives Magazine**, Portugal, 29 jul. 2021.

SANTOS, P. R. E. **Arquivística no Laboratório: história, teoria e métodos de uma disciplina**. Rio de Janeiro: Teatral; Faperj, 2010, 216 p.

SANTOS, P. R. E. et al. **Diagnóstico de Bio-Manguinhos - Encomenda tecnológica da vacina Oxford/AstraZeneca: projeto "Emergência sanitária, arquivos e memórias: reflexões teóricas, desafios institucionais e inovação"**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC. 2025. Disponível em: <<https://arca.fiocruz.br/items/9329f6ee-3f22-44b2-849d-1d84a0a2de15>> Acesso em: 06 jun. 2025.

SANTOS, P. R. E. et al. Documentos de arquivos em contexto de emergência sanitária: notas sobre o Observatório Covid-19 da Fiocruz. **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, e0506, 2024. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0506>> Acesso em: 24 mai. 2025.

SOARES, P. F. et al. Gestão do Projeto da Vacina. In: MEDEIROS, Mauricio Zuma et al. (Org.). **A primeira vacina 100% brasileira contra a Covid-19: a conquista de Bio-Manguinhos/Fiocruz – Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Bio-Manguinhos, 2022. Cap. 12.**

NOTAS DE AUTORIA

Paulo Roberto Elian dos Santos

Doutor em história pela USP, é pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz. Formado em história pela PUC-Rio, possui experiência nas áreas de arquivologia e história com passagens pelo Arquivo Nacional e Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde foi diretor na década de 1990. É professor permanente do Programa de Pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Entre 2012 e 2025, foi professor permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ) da UNIRIO. É líder do Grupo de Pesquisa Acervos e memória da ciência e tecnologia em saúde. Publicou livros, artigos e outros trabalhos sobre os seguintes temas: arquivos pessoais de cientistas; gestão de documentos e arquivos de instituições de ciência e saúde; arquivos de laboratório; arquivos e instituições de memória; ciência aberta, arquivos e gestão de dados de pesquisa, e história da Arquivologia no Brasil. Coordenou a comissão que formulou a Política de Memória Institucional da Fiocruz (2020). Foi diretor da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz entre 2013 e 2021. É sócio regular da Asociación Latinoamericana de Archivos (ALA) e integra o Grupo de Trabalho para a História da Arquivologia na Iberoamerica (GTHAI).

<http://lattes.cnpq.br/3208337271858261>